

Clarice Lispector Figuras da Escrita

CARLOS MENDES DE SOUSA

Clarice Lispector – Figuras da escrita

© Instituto Moreira Salles, 2011/Carlos Mendes de Sousa, 2000

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Eucanaã Ferraz

Samuel Titan Jr.

ASSISTENTES EDITORIAIS

Denise Pádua

Flávio Cintra do Amaral

PRODUÇÃO GRÁFICA

Acássia Correia

REVISÃO

Sandra Brazil

Todotipo Editorial

PROJETO GRÁFICO

Daniel Trench

Gustavo Marchetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sousa, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita* /

Carlos Mendes de Sousa. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. Bibliografia.

1. Crítica literária 2. Lispector, Clarice, 1920-1977 – Crítica e interpretação

3. Literatura brasileira I. Título. II-14565 CDD-869.909

Índices para catálogo sistemático: 1. Escritoras: Literatura brasileira:

História e crítica 869.909

1 Escrita autobiográfica

Eu que apareço neste livro não sou eu. Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou. Eu sou vós mesmos.
(Um sopro de vida)

Em vários momentos e em contextos bastante diferenciados vemos aplicarem-se a leituras de Clarice Lispector, com mais ou menos propriedade, os termos "autobiografia", "autobiográfico". Aproximações algumas vezes claramente impressionistas mas que não deixam de ser sintomáticas de uma realidade intuída que merece ser observada. Pode ver-se, por exemplo, em leituras de extração biografista o modo como a aura de mistério de um perfil tomado como definidor da personalidade da autora é transferida para a análise das personagens. Trata-se afinal de um argumento utilizado com frequência em relação a muitos autores – o dizer-se que todas as personagens repetem uma mesma face, o que, no torná-las iguais entre si, as iguala a um modelo, a uma figura modelar facilmente assimilável ao seu criador.

Desde as primeiras críticas aos primeiros livros que vinham sendo referidas semelhanças entre as personagens e o retrato da autora. Guilherme Figueiredo fala de uma "autobiografia da alma" a propósito de *O lustre*, onde, na sua opinião, dizer Virgínia equivale a dizer Clarice Lispector. Reportando-se às protagonistas dos dois primeiros romances, Sérgio Milliet enfatiza a "velada autobiografia" que não teria sido prejudicada pela riqueza estilística da escritora.¹ Esta vai ser uma tônica do discurso crítico sobre a obra de Clarice.² Mais recentemente continuamos a deparar com leituras que, ao abordarem a homogeneização dos discursos, se referem, quase nos mesmos termos, às questões da identidade. Por exemplo, Alfredo Margarido: "A identificação entre os diferentes narradores que encontramos na sua obra e a biografia da autora é constante, sendo difícil proceder a uma destrição útil ou realmente operatória".³ E Antonio Maura, após afirmar que a autora de *Perto do coração selvagem* "se multiplica em numerosos autorretratos ao longo da sua produção narrativa", chega mesmo a vislumbrar a própria Clarice, em três momentos diferentes da sua vida, nos retratos de três personagens. Assim: "Joana é uma Clarice de 17 anos, G.H. uma Clarice que se

aproxima dos 40 e Ângela uma Clarice que sabe que vai morrer e se prepara para tal".⁴

Ver-se-á também como a composição do retrato da escritora, em depoimentos de amigos, traz muitas vezes colados ecos, descrições, que reconhecemos nos traços por ela fornecidos para as suas personagens. Antônio Callado, após a morte de Clarice, diz dela que "dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noitinha numa cidade desconhecida onde há uma greve geral de transportes".⁵ Não deixamos de rever nestas palavras o ar perdido de muitos dos seres que lhe povoam a obra. Para se falar de um autor, impõe-se, afinal, o retorno (mais ou menos consciente) às personagens onde ele necessariamente se encontra. Ana, do celebrado conto "Amor", talvez seja um dos exemplos mais tocantes. Recordamo-la assim, saindo do elétrico sem saber mais quem é, sem saber onde está: "Desceu com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite." (LF, p. 34)

— Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. Ai que medo. (PNE)

Numa das crônicas do *Jornal do Brasil*, depois de assumir que está sendo demasiado pessoal, Clarice Lispector declara o propósito de nunca vir a publicar uma autobiografia. A crônica é datada de 5 de junho de 1971 e intitula-se "Viajando por mar":⁶

Um dia telefonei para Rubem Braga, o criador da crônica, e disse-lhe desesperada: "Rubem, não sou cronista, e o que escrevo está se tornando excessivamente pessoal. O que é que eu faço?" Ele me disse: "É impossível, na crônica, deixar de ser pessoal". Mas eu não quero contar minha vida para ninguém: minha vida é rica em experiências e emoções vivas, mas não pretendo jamais publicar uma autobiografia.

Mais de uma vez insiste no fato de não escrever catarticamente. Na entrevista ao Museu da Imagem e do Som diz que, quando escreveu *A paixão segundo G.H.*, estava na pior das situações, tanto do ponto de vista sentimental como familiar e profissional, e que, no entanto, o livro nada disso reflete. Dá, por essa altura, mais ou menos a mesma resposta a um jornal de São Paulo:

Não escrevo como catarse, para desabafar, mas encaro a obra em seu valor por si mesma. A prova disto, para mim é este livro escrito numa das fases mais tumultuadas da minha vida e que na minha opinião, não reflete estes tumultos de minha vida pessoal.⁷

Se as declarações de certo modo vão corresponder a uma dada realidade, a recusa tão peremptória não pode deixar de interessar pelo lado em que se diz o que não é. Porque se pode falar em uma escrita autobiográfica de Clarice Lispector. Na própria denegação se sustentaria essa prática. No mesmo período em que escreve a crônica já citada,⁸ a escritora tem em mente a ideia de um livro, o que virá a ser mais tarde *Água viva*. Num texto que ainda não é o livro, texto muito mais colado a uma realidade referenciável, o datiloscrito "Objeto gritante", lemos o seguinte:⁹ "Muita coisa não posso contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser 'bio'." (fl. 9) Oferecem-se, nas palavras autorais, as premissas para o enquadramento do ponto de vista que adotaremos; assim, antes de mais, o distanciamento face à aceção corrente de "autobiografia" nos estritos termos em que se toma, como narração da própria vida. Não partilhando o conceito de autobiografia no sentido de representação da história pessoal do autor, tanto mais que a obra de Clarice Lispector, em rigor, não preenche os requisitos dos gêneros considerados autobiográficos, deparamos, contudo, frequentemente com reenvios coincidentes com momentos experienciados pelo sujeito empírico. Mas a escrita autobiográfica resultará acima de tudo de uma busca que, não sendo uma projeção da vivência pessoal, estabelece com ela, em permanente jogo de negações e afirmações,¹⁰ um diálogo com vista à construção de um eu que se procura aprofundar no seio da própria emergência da escrita.

Todo o projeto autobiográfico se define pelo olhar retrospectivo a que subjaz um propósito totalizador (e que deverá estar muito marcado nas autobiografias canonicamente consideradas). Este é o sentido que vamos encontrar sublinhado nas leituras sistematizadoras do que se pode chamar paradigma historicista dos estudos sobre a autobiografia, e em especial nos trabalhos de Misch, de Gusdorf e de Weintraub. As implicações de uma visão globalizadora têm um vastíssimo alcance. À medida que se define o lugar de um autor, que este se afirma como autor, essa condição leva-o a cuidar do nome. Esse cuidar de si pode ser mais ou menos intencionalmente programado. A concepção de escrita autobiográfica em Clarice aparece como o resultado de um jogo dialético entre

o sentido da composição (que se pretende fazer crer distraída) e a afirmação da obra como obra em progresso. Assim surge a linha da autoconsciência (camuflada), que pressupõe o gesto de elaboração da imagem própria – a mitologia pessoal –, submetendo-se ao sentido forte do fazer-se da obra. É muito interessante observar-se em que medida é que na determinação do desenho do nome se jogam complexos movimentos de tensão em torno da identidade (revelações/ocultações).

Na composição da figura, assinala-se a perseguição de um traço no tratamento a que a autora submeteu a produção romanesca, considerando-a como produção central. Isso é mais ou menos dito quando, ao contrapor a escrita do conto à do romance, ela fala das possibilidades que o romance oferece para expandir aquilo que o conto não permite. É pois aí, nos romances, que se opera uma deslocação topológica apoiada num efeito denegatório: pretende-se apagar neles os traços que tornariam reconhecível a marca da esfera biográfica.

Clarice Lispector declara numa entrevista de 1976:

Foi o Hélio Pellegrino quem disse que a preguiça e a impaciência são os maiores defeitos do homem. Eu sou preguiçosa e impaciente. Sou irrequietíssima. Mas fui muito paciente com meus filhos. Sou paciente para escrever e com bichos.¹¹

A amplitude do testemunho é assinalável: implica uma autoavaliação à qual importa prestar atenção. O que existe de retrojeção retratadora tem um contraponto que dá a exata medida do que deve entender-se como projeto englobante, que, no olhar para trás, traça, no balanço que toma, uma projeção fundamental. Vejamos, a partir destas declarações, alguns exemplos centrados em zonas intensivas da escrita autobiográfica de Clarice Lispector. Observe-se como é a partir da própria enunciação que vemos adquirir existência o animal ou a instância materna, e como tudo se subsume na pulsão da escrita – aí mesmo onde o cuidar de si nasce com a própria obra fazendo-se. É muito curioso observar-se, no depoimento acima transcrito, como aquilo que a autora põe na voz de um seu amigo, o psicanalista Hélio Pellegrino, fazendo ecoar uma das conhecidas máximas de Franz Kafka, foi um dos pensamentos do início da vida literária da escritora Clarice Lispector. Todavia, a vida é por demais extensa, e mesmo quando uma frase é destacada e pendurada na parede a máquina do esquecimento trabalha por nós. Mais tarde aparecerá o *solicito biógrafo* ou o estudioso (devotado) que se encarregará de ordenar e, quem sabe, ficcionalizar

o que na parede há muito passou a ser um branco – superfície com marca, tinta a descolar-se ou simplesmente ruína – confundindo-se com as ruínas da memória. É numa carta às irmãs (dos primeiros tempos de Berna, datada de 8 de maio de 1946) que se lê a citação de Kafka que já havia sido inteiramente de Clarice, antes de lhe ser oferecida pelo amigo:

Minha impressão é a de que eu trabalho no vazio, e para não cair eu me agarro num pensamento e para não cair desse novo pensamento eu me agarro em outro. É essa a minha vida mental. Na parede de meu quarto pendurei várias frases. Uma delas é assim, dita por Kafka: "Há dois pecados capitais humanos donde decorrem todos os outros: a impaciência e a preguiça. Por causa da impaciência, os homens foram expulsos do paraíso. Por causa da preguiça, eles não voltam. Talvez haja apenas um pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência, eles foram expulsos do paraíso, por causa da impaciência eles não voltam."¹²